



O PROCESSO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CORDEL “O LINGUAJAR CEARENSE”

Autor: (Romão de Freitas Silva); Co-autor (Brenda de Freitas); Co-autor (Edilene Leite Alves).

(Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN, e-mail: romaofreitass@gmail.com); (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN, e-mail: brenda_freitas17@hotmail.com); (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN, e-mail: eddileite@gmail.com).

RESUMO: O presente artigo propõe uma abordagem analítica e teórica sobre o processo de variação linguística no cordel “O linguajar cearense” da autora Josenir Amorim Alves de Lacerda, expondo a contextualização da obra no que diz respeito a estudos sociolinguísticos e enfatizando o dialeto cearense e sua originalidade. Para isso, utilizamos fragmentos de termos retirados do poema, com o intuito de entender como esse fenômeno acontece no campo linguístico, nos policiando sempre em conservar a reprodução da fala através do texto poético. Para a realização deste trabalho, nossa base teórica é composta por estudiosos como: Calvet (2002), Bagno (2013), Cezario e Votre (2013), Coelho, et all. (2015) e Chagas (2007). Também como fortuna crítica, usamos Sousa (2014) e Teixeira (2008) que discutem sobre o cordel. Esta pesquisa, além de observar aspectos linguísticos, se porta também em preservar traços da cultura cearense e de certo modo do povo sertanejo, a interação com o *corpus* e a discussão com a teoria dos estudiosos já mencionados, nos permitiu refletir e entender a importância em cultivar e respeitar as peculiaridades das mais diversificadas culturas presentes nos grupos sociais do nosso país.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Cordel. Dialeto cearense.

INTRODUÇÃO

A sociolinguística enquanto caráter científico, tem como objeto de estudo o código linguístico e suas variações. Neste aspecto, dentro do aparato que essa área de estudos e pesquisas pode nos proporcionar, buscamos analisar como o fenômeno que permite a variação está inserido nos diferentes dialetos. Para isso, temos como base analítica, o cordel “O linguajar cearense”, de Josenir Amorim Alves de Lacerda, publicado no ano de 2007, pela Academia dos Cordelistas do Crato-CE (ACC), na qual a escritora é membro e uma das fundadoras, assim como pertence também a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC).

A cordelista retrata em sua obra e faz o uso das peculiaridades do linguajar sertanejo evidenciando a região do Ceará. Embalada pela classe literária vigente da década de trinta, em que o sertão e seu sofrimento era o alvo da denúncia social, com isso, passa a ganhar visão no cenário nacional. Diante disso, o seu cordel tem como

intuito defender sua identidade cultural através de uma compilação do vasto vocabulário deste rico estado brasileiro, faz a comparação dos termos linguísticos lá usados com os dicionarizados da norma padrão da língua. Sabemos que por estar geograficamente em uma área territorial desprestigiada, o dialeto sofre severas críticas por parte de falantes da mesma língua, que estão situados em outras regiões com características culturais diferentes.

A obra por apresentar um leque de termos linguísticos da identidade do povo cearense e nordestino, nos gerou a expectativa de poder melhor analisar a significação desses termos através de uma ótica variacionista, a qual, parte de estudos significativos da sociolinguística e seus colaboradores, e assim entender o porquê devemos ter o cuidado em não inferiorizar o outro pelas diferenças que influenciam a variação dialetal.

Sabendo das diferenças ocorridas na língua, foi necessário que estudiosos da área, tentassem entender por que tais eventos podem ocorrer em um mesmo sistema linguístico. Na busca de conhecer mais esse processo, perceberam e catalogaram vários fatores que assolam a vivência dos sujeitos em meio social, e isso, atinge diretamente a fala resultando na diversidade existente, ou seja, a variedade da língua.

Para essa discussão utilizamos como aparato teórico Calvet (2002) que trata da língua e a defende como um fato de total interação social, Bagno (2013) aborda como a sociedade contemporânea enxerga e avalia esse meio comunicativo, Cezario e Votre (2013) nos trazendo ao certo, com o que e como trabalha o pesquisador do campo sociolinguístico, Coelho et al (2015) nos mostram uma perspectiva que as variações ocorridas na língua, são condicionadas por fatores internos e externos, Chagas (2007) discorre sobre o processo da mudança linguística, também, como fortuna crítica em se tratando do cordel, temos Sousa (2014) e Teixeira (2008), dentre outros. Para chegarmos ao entendimento do que estuda essa ramificação da linguística, trabalhamos com a análise do cordel “O linguajar cearense” com foco sociolinguístico, mais precisamente na teoria da variação linguística, no intuito de compreender essa diferença dialetal e a importância de preservá-la.

2 SOCIOLINGUÍSTICA E ATUAÇÃO EM ÁREAS

Muitos teóricos, como por exemplo, Saussure, viam a língua como fato social, mas trabalhavam com ela de maneira isolada/fechada e estrutural, visando os processos de aquisição da mesma como um sistema autônomo, em que o sujeito faz o uso mas não a modifica. Com o passar dos tempos, as pesquisas nesta linhagem tomaram outros rumos e puderam mostrar que esse mecanismo de interação está inteiramente ligado a

fatores que permeiam o meio social, com isso, sociedade e língua estão intrinsecamente ligadas, ou seja, ambas se completam. Essa era a preocupação de Millet em introduzir essa concepção na linguística.

A sociolinguística teve início por volta de 1953, a partir de então, os investigadores passaram a trocar informações através de resultados prévios de suas pesquisas, e viram que precisavam rever essa área para trabalhar com uma nova visão, em que, o fato social vai além da concepção saussuriana. Somente na década de 60, mais precisamente em 1964, se firmou o termo sociolinguística, quando William Bright realizou uma conferência em Los Angeles, reunindo grandes potências da área, em meio a eles, estavam John Gumperz, Dell Hymes, William Labov, o precursor da variação linguística, dentre outros. Então:

Willian Bright, se encarregará da publicação das atas [...] Ele nota, já de princípio, que a sociolinguística “não é fácil de definir com precisão”. Seus estudos, ele acrescenta, dizem respeito às relações entre linguagem e sociedade, mas essa definição é vaga, e ele então esclarece que “uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas”. (CALVET, 2002, p. 21)

De encontro com o que Calvet (2002) nos mostra, é possível perceber o quanto essa conferência contribuiu para o avanço das pesquisas, e sobre o que conhecemos hoje por sociolinguística. Trata-se do marco, mesmo que amplo, mas importantíssimo dos diálogos a respeito da proximidade da linguagem com os indivíduos que a detém.

Essa ciência tem a preocupação de usar um sistema composto por regras, ou seja, a língua, de maneira legítima, por esse motivo, recebe grande credibilidade em suas propostas de análise sobre fatores que a constituem. Os pesquisadores atuam levando em consideração os aspectos sociais e culturais de cada grupo, esses são dados que dão base a investigação e funcionam como registros para a catalogação de variantes, e assim, se embasam no princípio que o processo das diferenças e a mudança são inerentes às línguas. Dentro disso, objetiva também entender os principais motivos que influenciam e impulsionam a existência da variação linguística. Diante disso:

[...]O sociolinguista se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua. Um de seus objetivos é entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável. O estudo procura verificar o grau de estabilidade de fenômeno, se está em seu início ou se

completou uma trajetória que aponta para mudança. (CEZARIO e VOTRE, 2013, p. 141)

De acordo com Cezario e Votre (2013), os estudiosos dessa área de desempenho do conhecimento sobre a linguagem, têm a preocupação em analisar fenômenos que circundam a língua e estão presentes dentro e fora dela, com o intuito de dizer ao certo quais fatores motivam a mudança e o processo das variações linguísticas, sejam esses fatores sociais ou culturais.

As mudanças existentes na língua acontecem em decorrência de vários fatores, imbuídos como condicionadores nos contextos linguísticos/internos (dentro do código comunicativo) em determinados níveis de variação como: lexical, fonológica, morfológica ou morfofonológica, sintática e discursiva, e também nos fatores externos/extralinguísticos (fora do código comunicativo) como: regional/geográfica ou diatópica, social ou diastrática, estilística/registro ou diafásica e na fala e escrita ou diamésica.

Todo esse processo de transformação de novos termos precisa passar por um período de adaptação, até que os novos termos se concretizem na língua. Na busca de compreender como isso se desenvolve e se firma, os estudiosos agarram-se na concepção contextual, para demonstrar como a variante surge na língua ou cai em desuso, partindo da mudança podendo chegar até desaparecer nos dialetos cotidianos. Nessa perspectiva:

Os condicionadores ajudam o analista a delimitar quais são os contextos mais propícios para a ocorrência das variantes em estudo. Eles são divididos em dois grandes grupos, em função de serem mais ligados a aspectos *internos* da língua ou *externos* a ela. No primeiro caso, são também chamados de condicionadores linguísticos. Como exemplos, temos a ordem dos constituintes em uma sentença a classe das palavras envolvidas no fenômeno em variação, aspectos semânticos etc. no segundo caso, são também chamados de condicionadores *extralinguísticos*. Entre os condicionadores extralinguísticos de natureza social, os mais comuns são o sexo/gênero, o grau de escolaridade e a faixa etária do informante. (COELHO, et al, 2015, p. 20)

A partir da visão de Coelho et al, (2015), é perceptível que os condicionadores são fatores determinantes para a organização e monitoramento da língua, assim, servindo como base de observação contextual para o aprofundamento em aspectos constituintes na formação dos indivíduos em um campo intelectual, e de transformações naturais/biológicas que solidificam os diferentes estilos de fala.

As línguas passam por processos evolutivos comuns que se instalam na sociedade ao decorrer do tempo. São marcas instauradas no meio coletivo social que podem ser percebidas por estarem inseridas no cotidiano, registrados de forma

enunciativa escrita ou oral, também podendo nos mostrar essa face da transformação através do contato linguístico entre sujeitos de diferentes culturas e gerações. Essa metamorfose no sistema comunicativo, ou seja, a mudança, é a progressão dos termos variantes, a relação entre ambos se dá de maneira dicotômica (variação e mudança), pois não existe uma sem auxílio da outra. Então, a língua enquanto sistema, encontra-se em um processo de constante construção, assim podendo ser inovada pelos indivíduos em questões situacionais de adequação linguística. Nesse contexto:

Para Labov, toda língua apresenta variação, que é sempre potencialmente um desencadeador de mudança. Como a mudança é gradual, é necessário passar primeiro por um período de transição em há variação, para em seguida ocorrer a mudança. Como a mudança e a variação estão estreitamente relacionadas, é muito difícil estudar uma sem estudar a outra. (CHAGAS, 2007, p. 149)

Segundo Chagas (2007), o processo de mudanças de termos na língua, é acarretado pelas variações naturalmente produzidas por meio da interação das pessoas, isso se acontece devido ao contato pelo código comunicativo. Essa ação situa-se como primeiro passo para que a mudança venha a ocorrer dentro da língua.

2.1 Um pouco sobre o gênero literário cordel

Desde os tempos da colonização portuguesa, estima-se que nas embarcações haviam momentos de festejos trovadorescos, ou seja, de recitações de poesias e músicas, eram uma das atividades mais praticadas nesse espaço do tempo, apresentava-se mais comumente de forma oral. Segundo Teixeira (2008), os primeiros traços característicos da literatura de cordel, chegaram ao solo brasileiro por volta do século XVI e foram propagados pelos jesuítas, eram folhetos que continham histórias narrativas pequenas. Por ser literatura vendida de forma exposta sobre um cordão nos locais públicos principalmente em Portugal, mas também em várias regiões da Europa, originou o nome deste gênero aqui no Brasil.

As primeiras aparições da produção de cordel em nosso país, veio por parte dos cantadores de viola da Serra do Teixeira – PB, que trabalhavam com a rima e métrica em temas populares. Surge de forma escrita em folhetos, em que o poeta paraibano Leandro Gomes de Barros é tido como precursor desta modalidade literária no Brasil, com os primeiros escritos por volta de 1893. Após a sua morte, João Martins de Athayde comprou os direitos autorais das poesias de Leandro, há quem diga que ainda publicou alguns folhetos se passando pelo autor. Hoje se caracteriza como uma das identidades do povo

nordestino, em que mostram nas poesias o belo detalhamento da região nordeste, sendo um dos orgulhos dessa gente. Em se tratando desta ocasião:

Depois do cordel cantado do final do século XVIII, tem-se registro no final do século XIX das primeiras impressões de folhetos de cordel. O precursor foi o poeta Leandro Gomes de Barros (1868-1919) e o primeiro folheto localizado é deste poeta e data de 1893. A partir daí, a literatura de cordel passou a ser, além de cantada, também escrita. (TEIXEIRA, 2008, p. 12-13)

Partindo desta visão, o cordel ganhou mais ênfase, pois a maneira estética escrita pode ser propagada mais rápido, atingindo um número maior de leitores. Essa forma, também era produzida artesanalmente, pois os folhetos e a arte temática (xilografura), eram impressos manualmente.

3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CORDEL

Como corpus para a nossa análise, será aqui utilizado o cordel de Josenir Amorim Alves de Lacerda, “O linguajar cearense”, para uma melhor observação no que diz respeito a variação linguística existente no dialeto da região do Ceará. Sabendo que esse dialeto é composto por uma infinidade de termos linguísticos, variantes característicos e próprios que servem como intercâmbio comunicativo entre a população que habita nesse estado.

Em se tratando da variação, podemos entender que se trata de diferenças nos modos da oralidade dentro de uma mesma comunidade linguística. Assim sendo, os termos podem variar de acordo com o contexto que estão inseridos, apesar de serem diferentes, os termos variantes têm o mesmo valor significativo. Quanto mais o falante conhece novas culturas, mais ele dominará e entenderá as mudanças que ocorrem na língua por fatores de regionalidade, social e estilísticos.

A autora faz o uso de palavras que estão normalmente inseridas no cotidiano cearense, a partir de agora iremos destacar algumas expressões desse vasto vocabulário no cordel “O linguajar cearense”, onde apresentam propriedades que especificam e marcam a identidade por meio da fala, assim, iremos explicitar quais fatores linguísticos que incentivam a variação, levando-se em consideração principalmente o fator regional.

- **Bocó, Abestado e Arigó** – Pessoa que não entende nada. Ignorante completo. Apalermado, estúpido, etc.

- **Caixa prego, Cafundó, Brenha e Caixa bozó** – Lugar muito longe. Local de difícil acesso

As palavras destacadas acima: bocó, abestado e arigó, são usadas para se remeter a pessoa que não entendem nada de algo a ser explicado ou demora a raciocinar. E caixa prego, cafundó, brenha, e caixa bozó se referem locais muito distantes. Todos esses termos são usados no dialeto cearense, mostrando a variedade de palavras para uma mesma significação. Assim, Coelho et all (2015, p. 16), vem nos dizer que: “A variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”. Essa gama de termos é caracterizada como uma variação de nível lexical, que está intimamente ligada com a variação regional, pois a mudança de termos varia de uma dada região para outra.

- “Recipiente é vasia”- o termo vasia, remete-se a vasilha. Local em que armazenamos mantimentos ou outras coisas.
- “Bife do oião”- a expressão é usada para representação da frase ovo frito.

Nos trechos acima, podemos observar a variação de nível fonológico, pois, ocorre um fenômeno denominado despalatalização e em seguida passando para o iotacismo, que se configura na troca do <lh> pelo <i>, assim modificando na estrutura da palavra original.

- “Tá ca peste” - é um jargão do povo cearense para exprimir a sensação de surpresa, espanto ou admiração.
- “Vôte!” – é uma expressão que designa algo esquisito. Serve como marcador de repúdio a algo.
- “Aarre égua” – é mais um jargão criado no Ceará, tem como função o papel de interjeição somente de espanto.

Os termos e expressões aqui evidenciados estão relacionados, portanto, com a variação geográfica, por meio da comunicação oral das pessoas cearenses, sendo esses variantes considerados como o falar não padrão, pertencentes a uma língua estigmatizada, alvo de críticas negativas pela forma e pelo uso desse linguajar. Contudo,



é importante salientar que a língua não padrão utilizada neste dialeto, serve como forma de preconceito linguístico decorrente entre a língua e a gramática normativa, desencadeada pelo preconceito social e pela aceitação das pessoas em priorizar uma linguagem padrão. Diante disso, para Bagno (2013, p. 51) “[...] todas as variedades linguísticas se equivalem e que não existe “língua melhor” ou “língua pior”, mas apenas maneiras *diferentes* de expressar uma mesma regra gramatical variável”. Portanto, não há separação no que diz respeito as línguas faladas, uma vez que existem apenas adaptações linguísticas expressas pelos sujeitos que se comunicam pelo mesmo código linguístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que a variação linguística pode estar presente nas mais diversas maneiras comunicativas, e servir como formas concorrentes na mesma língua, enxergamos no cordel “O linguajar cearense” uma das maneiras de poder mostrar como esse processo está instaurado nos meios de interação. As diferenças existem e sempre vão existir dentro do código linguístico, isso pois, a língua transforma o sujeito e é transformada por ele, o que caracteriza as marcas de sua cultura, ou seja, um registro que funcionará como identidade ou rótulo de um grupo social.

Em nossa análise pudemos observar como os termos usados no linguajar cearense apresentam fortes traços da variação na língua, existem termos linguísticos próprios que surgiram neste estado e que se propagaram em toda a região nordeste. Sabemos que o fato de sua localização geográfica pertencer a um espaço com clima, economia, e tradições diferentes, despertam críticas preconceituosas em relação ao modo de falar dessa gente, isso configura-se como uma tremenda falta de respeito para com o próximo que tem sua cultura lesada por muitos ignorantes falantes do mesmo idioma que desconsideram a transformação da língua.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2011.

_____. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**. São Paulo: Parábola, 2002.



CEZARIO, Maria Moura e VOTRE, Sebastião. A Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (et all). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

CHAGAS, Paulo. A Mudança Linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.) **Introdução à Linguística: Objetos teóricos**. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

COELLHO, Izete Lehmkuhl, GORSKI, Edair Maria, Sousa, Christiane Maria N. e MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

Cordel o Linguajar Cearense. Disponível em:

<<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordel&pagfis=86632>> Acesso em: 15/05/2017 às 15:23:17hs

Dicionário de palavras cearenses. Disponível em:

<<http://oceareense.blogspot.com.br/2009/03/dicionario-cearense-de-palavras.html>> Acesso em: 21/05/2017 às 9:00:00hs

SOUSA, Maria Ribeiro de. **O cordel na sala de aula: a ressignificação do ensino de língua portuguesa**. Sousa – PB, 2014.

TEIXEIRA, Larissa Amaral. **Literatura de cordel no brasil: Os folhetos e a função circunstancial**. Brasília – DF, 2008